MHA100

MARIA HELENA ANDRÉS

VIAGENS À EUROPA E À AMÉRICA LATINA

Este capítulo é parte da Autobiografia completa da autora.
Está atualizado até abril de 2023.
Os textos foram publicados nos blogs www.memoriaseviagensmha.blogspot.com.br
e www.mariahelenaandres.blogspot.com.br

APRESENTAÇÃO

Na sua vida e na sua arte, Maria Helena recebeu influências de todos os lugres por onde andou. Da Europa ela recebeu a influência de seu mestre Guignard, que estudou em Munique e em Florença. Ela expôs seus trabalhos em Roma, em Paris e em outras capitais europeias.

Na América Latina, desenhou Cuzco e Machu Picchu no Peru, viajou pelo México e realizou exposições em Santiago do Chile e em coletivas em Montevideo e Buenos Aires.
Este capítulo de sua autobiografia contém os relatos de suas viagens nesses continentes.

Maurício Andrés
Julho de 2022

SUMÁRIO:

EUROPA:

1. MESQUITA AZUL E SANTA SOFIA EM ISTAMBUL 4
2. MUSEU TOPKAPI - ISTAMBUL 6
3. CORINTO 8
4. PLAKA E ILHA DE HYDRA 10
5. VIENA 11
6. ASSIS 13
7. VENEZA E PRAÇA DE SÃO MARCOS 15
8. VENEZA, CIDADE QUE RESPIRA ARTE 17
9. ROMA, PRAÇAS E FONTES 19
10. ROMA, CATACUMBAS 21
11. ROMA, VATICANO 23
12. PARIS 25
13. O ESPIRITO DE PARIS I 27
14. O ESPIRÍTO DE PARIS II – BIENAL 1967 29
15. O ESPIRITO DE PARIS III – BIENAL 1967 31
16. CONCERTOS EM NOTRE DAME 33
17. MONTMARTRE E SAINT- GERMAN 36
18. O ÚLTIMO TOMBO EM PARIS 38
19. FENÔMENOS DA SINCRONICIDADE 41

AMERICA LATINA:

1. PERU- CUSCO 43
2. PERU-MACCHU PICCHU 45

MESQUITA AZUL E SANTA SOFIA EM ISTAMBUL

Fotos: internet

Estamos em Istambul, Turquia, e esta é a famosa Mesquita Azul. Não se vêm santos nas paredes, os vitrais resplandecem de cores e dão uma luminosidade fantástica ao ambiente. Um velho de longas barbas está sentado sobre tapetes persas, lendo o livro sagrado, enquanto 40 homens o escutam.

A Meca dos peregrinos muçulmanos não é despojada. O chão é coberto de tapetes, e o vazio faz sobressair a grandiosidade. Os homens se curvam em frente às paredes nuas. Não se vêm ídolos, nem ícones, ou qualquer alusão à figura humana. O espírito de religiosidade transparece no respeito ao lugar santo. Não há mulheres no templo, somente os homens escutam as palavras sagradas, para depois levá-las às suas esposas. A condição da mulher no Oriente ainda é de completa submissão. A tradição de superioridade masculina, herdada pelos antepassados, parece estender-se até os dias de hoje. Mas agora, os costumes orientais misturam-se aos ocidentais.

Istambul é a única cidade do mundo que liga, em seu próprio território, dois continentes. Uma ponte separa a Ásia da Europa, e enquanto atravessamos o Estreito de Bósforo, podemos observar de um lado a Ásia, com suas mesquitas de torres pontiagudas, e do outro lado, a Europa, marcantemente Ocidental. O encontro dos dois mares, o Mar Negro e o Mar de Mármara, é contraste geográfico que podemos observar das vidraças do barco. O guia nos explica, em inglês, um pouco da história da cidade, suas lutas e o espírito de conquista de seus antepassados. Tudo em Istambul nos faz lembrar a tradição guerreira do povo que outrora constituía uma ameaça para os países vizinhos. Há castelos e fortalezas à beira-mar, sentinelas do inimigo. Ali se escondiam os turcos, aguardando represálias. Na igreja de Santa Sofia, hoje despojada e pintada de branco, também lembramos os episódios guerreiros, e enquanto escutamos as palavras do guia, parece-nos

ouvir o eco do tropel dos cavalos e a luta dentro da imensa nave.

A igreja de Santa Sofia, construída por Justiniano, mostra no presente a consequência de guerras e invasões.

Imaginava uma igreja fulgurante de mosaicos coloridos, com folhas de ouro, colunas de mármore, tudo resplandecente, como a história diz. No entanto, como medida de proteção, todas as obras de arte foram cobertas de pátina, que aos poucos está sendo retirada pelos restauradores, e Santa Sofia oferece ao visitante apenas a sua grandiosidade despojada.

22 de outubro de 2011

MUSEU TOPKAPI - ISTAMBUL

Foto: internet

Aquela esmeralda imensa reflete luzes coloridas como um caleidoscópio. Lembro-me de um filme de suspense passado no Brasil há alguns anos, cujo drama se desenrolava neste museu que agora visitamos. Um punhal de pedras preciosas, brilhando por detrás das vitrines, me faz recordar detalhes do filme. O Museu Topkapi exibe a riqueza dos antigos califas, e o gosto oriental pelos objetos rebuscados. Vasos de cerâmica adornados com pérolas e pedrarias, espadas com diamantes, caixas de música banhadas de ouro.

Houve uma época em que os poderosos senhores não permaneciam muito tempo num lugar. À chegada do inimigo, fugiam, carregando, às pressas, os objetos de arte mais preciosos. Muitos desses objetos podemos apreciar agora, enquanto percorremos o grande Museu. O requinte se estende aos berços dos príncipes e aos tronos dos reis. A ourivesaria oriental nos lembra as histórias extraordinárias que escutamos na infância. E agora, elas estão aqui, diante de nós, resplandecentes de luzes, numa concretização real do fantástico.

No Bazar de Istambul, o mais famoso bazar do mundo, encontramos cópias dessa arte requintada, cheia de pedrarias. Turistas compram amuletos de sorte ("against the evil eye"), segundo dizem aqui: um olhinho azul pequenino que espanta o mau-olhado. Os orientais cultivam um misticismo, às vezes supersticioso, e acreditam nos maus fluidos de pessoas invejosas. Existem sinos da sorte do Japão à Turquia, guizos da felicidade, placas contra acidentes, etc.

Em muitos templos orientais, pode-se ler a sorte. Se as previsões não forem boas, amarra-se

o papel a uma árvore, para que o vento o leve. Por todo o Oriente vêm-se, nos jardins dos templos, entre incensos e velas, árvores repletas de papeizinhos amarrados.

30 de outubro de 2011

CORINTO

Foto: internet

Corinto fica situada a algumas milhas de Atenas. Enquanto andamos pelas ruínas da cidade, uma rua de pedras e colunas desmoronadas, revivemos um pouco da história grega, seus aspectos pitorescos, inclusive a famosa greve das prostitutas. Corinto foi lugar de perdição, onde as jovens sacerdotisas eram usadas como escravas, a serviço dos sacerdotes pagãos. “Um dia, percorrendo em procissão na cidade, negaram-se a receber clientes, até que suas reivindicações fossem atendidas”. Este fato é conhecido como a greve mais antiga da História. Ao povo de Corinto, São Paulo trouxe o Evangelho de Cristo e a cidade do pecado levantou-se para ouvir o apóstolo. No centro de uma muralha, em meio às ruínas da cidade, o símbolo de Cristo foi impresso na pedra.

Podemos ver a colina e o que restou da antiga civilização. Corinto parou no passado. O mato cresce e se enrosca às colunas e turistas curiosos se detém nas inscrições. Depois de uma época de glórias, a cidade, outrora frequentada por intelectuais e artistas, reduziu-se a um amontoado de pedras. A dominação turca destruiu parte das obras de arte gregas, e a maioria das esculturas que resistiram à violência pertence hoje ao Museu Britânico. A lembrança de Sócrates e Platão projeta-se nas pedras de Corinto. Sócrates, desprezando os deuses, induzia os jovens a agirem de acordo com a própria consciência. Considerado líder subversivo, foi levado a ingerir cicuta e morreu. Mas, sobre suas ideias, que não puderam ser ouvidas na época, foram construídos sistemas que até hoje encontram ressonância no comportamento da juventude de nossos dias. Em filosofia e arte os gregos abriram caminhos novos que marcam o mundo ocidental.

As teorias de Platão, no que se refere à arte, até hoje são os fundamentos do construtivismo. Platão situava a beleza ideal na forma pura, livre do prurido do desejo. Suas ideias coincidem com todas as correntes artísticas onde a razão se antepõe à emoção: clássico e neoclássico, cubismo e construtivismo, concretismo e arte cinética. A procura da forma ideal, destituída de qualquer ligação com as emoções, crenças ou afetividades do homem, são direções indicadas pelo pensamento

platônico: o uso da régua e do esquadro, a escolha das formas geométricas simples, o computador que tira a sensibilidade do traço, são características atuais de ideias platônicas. A linha do pensamento grego atravessa tempo e espaço e se projeta nos quadros de Mondrian, nas esculturas construtivistas de Max Bill, na arte cinética de Vasarely. Se em Istambul pudemos testemunhar o confronto geográfico de dois continentes, agora, em Atenas, nas ruínas de Corinto, relembrando os grandes intelectuais gregos, refletimos sobre as direções que o mundo tomou, dirigido por pensamentos opostos.

9 de novembro de 2011

PLAKA E A ILHA DE HYDRA

Fotos: internet

Plaka é um bairro de Atenas, onde se encontram as boutiques pitorescas da cidade. Ruas estreitas, casas antigas lembrando Ouro Preto, lojas de bijuterias, sacolas, tapetes bordados, vasos gregos. Turistas sobem as ladeiras, que às vezes são escadarias, à procura da arte local. À noite, os barzinhos acendem suas luzes e os atenienses reúnem-se em bandos, assistindo a espetáculos de danças gregas, shows característicos da região. No alto do tablado, ao som de música, dois rapazes dançam uma espécie de luta que me recorda o jogo de capoeira da Bahia.

Atravessamos o Mar Egeu num barco cheio de turistas, vendo as espumas espalharem-se junto ao casco do navio. Atenas se afasta e, depois de algum tempo, as pedreiras anunciam uma nova paisagem. Fachadas de casas cor-de-rosa começam a aparecer e, tão logo descemos, encontramos pequenas lojas mostrando objetos de artesanato, tapeçarias, cerâmica. Pulseiras com incrustações de deuses da mitologia revelam sobriedade de gosto. Deixamos Istambul com suas joias requintadas e agora observamos a simplicidade grega manifestada através do trabalho de seus artesãos.

Em Hydra, a influência bizantina se faz sentir nos ícones da igreja ortodoxa, com cenas da vida de Cristo reproduzidas em miniaturas sobre fundo de ouro. A história de Hydra é uma página de heroísmo dentro da história grega. A pequena ilha, cheia de montanhas e acidentes geográficos, resistiu às invasões, tendo os proprietários das terras colocado todos os seus recursos econômicos à disposição do governo, para a defesa da cidade. Hydra manteve-se livre dos conquistadores, defendendo o ideal de liberdade apregoado por seus grandes antepassados.

22 de novembro de 2011

VIENA

Foto: internet

Dentro do avião, já se pode ver o traçado geométrico da cidade, e os campos cultivados em torno, abrindo retângulos. No aeroporto, um imenso painel fotográfico mostra em montagens o dinamismo da era espacial, homem, máquina, satélites, e o progresso do século rodeando todas as paredes. Junto ao aeroporto há um cemitério, e vê-se da entrada uma série de túmulos. O bairro dos mortos inclui casas residenciais com túmulos nos jardins, lojas de flores, drugstores. Um cartão de visitas bem triste para quem chega de avião.

Em Viena, vejo a origem de muita coisa que já vi na América: o estilo das casas, a ordem para atravessar ruas, o povo limpo, bem vestido. Os edifícios, praças, a arborização das ruas nos fazem lembrar os edifícios e as praças de Washington.

Fizemos um "tour" pela cidade. Nosso guia é um estudante culto e inteligente e fala quatro línguas. Vemos os edifícios principais, os palácios. Há muito carinho do povo para com a família real e a tradição de um passado remoto. No presente, a ocupação foi a sombra que entristeceu a Áustria.

Nos olhos do jovem cicerone, e em seu modo de falar, pudemos ver a revolta de sentir seu país ocupado por estrangeiros.

"Aqui", nos diz ele emocionado, "foi o lugar onde assinaram o tratado de Belvedere em 1955. Da sacada deste palácio, a notícia da libertação da Áustria foi anunciada aos vienenses que em baixo esperavam".

Olhamos o palácio, antes residência de verão da família real. Nosso grupo escuta atento e emociona-se também com a libertação do povo austríaco. O guia continua em seu percurso pela cidade. "Este monumento foi erguido pelos russos, comemorando a vitória. Infelizmente, somos obrigados a conservá-lo".

Viena esteve ocupada, por 10 anos, pelas forças da Rússia, Estados Unidos, Inglaterra e

França.

"Aqui, o Danúbio marcou o limite da zona entre os americanos e russos".

O povo vienense, que se viu humilhado durante 10 anos pela ocupação dos aliados, deposita na libertação da Áustria a sua razão de ser. Talvez não haja para eles mais ilusões quanto às doutrinas de direita ou esquerda.

Se o Danúbio pudesse falar, contaria episódios dramáticos, banhados de sangue e violência. Mas, agora ele corre tranquilo, um pouco mais azul, porque Viena é uma cidade que enxerga o futuro.

O povo anda bem vestido e bem calçado, a juventude é alegre. Ficamos hospedados perto da universidade, e em nosso restaurante os jovens se reúnem para refeições. Podemos observá-los. Aqui não se veem protestos, mas um sentido afirmativo de viver. Os rapazes são corteses com as moças, ajudam as coleguinhas a vestir o paletó, alimentam-se bem, comida temperada e gostosa como a nossa, brasileira.

As camareiras do hotel falam o inglês e francês correntemente e, na portaria, até em espanhol nos comunicamos.

Este país impressiona pelo sentido positivo de encarar a liberdade, que foi conquistada com experiência de vida, e não apenas recebida como doutrina teórica. A experiência amadurece e condiciona todo um comportamento. Na Áustria, pode-se observar uma mocidade sadia, procurando construir o futuro da pátria.

1° de março de 2012

ASSIS

Fotos: internet

Um frio de princípio de inverno, o céu muito azul e o casario surgindo no alto da colina, marcou nosso primeiro encontro com Assis.

Assis, berço de S. Francisco e Santa Clara é uma cidadezinha construída no alto do monte Subasio, dominando imensa planície verde de terra cultivada. O mosteiro enfrenta a paisagem com suas torres e arcos. Do terraço do hotel podemos sentir o silêncio da natureza e a poesia dos campos. Tudo em Assis reflete um impulso místico, que começou no passado e se estende como que por milagre até os dias de hoje. A força poderosa do Santo recolhido nestas montanhas, seu profundo misticismo, não se perderam nem se materializaram com o tempo. O santuário de Assis é um dos

belos da Itália e, no tumulto do século XX, continua a ser um local de oração, um momento de meditação, nesta Europa dominada pelo excesso de turistas, de gente que quer ver, ouvir explicações históricas, levar lembranças para os amigos, gente que para nos camelôs e compra amuletos, souvenires, medalhas, nas escadas das igrejas, nas sacristias, mas que nem sempre consegue absorver espiritualidade, porque se revestiu de couraça material.

Assis não é cidade de turistas, mas de peregrinos, e não tem contradições de mau gosto: construções de pedra cor-de-rosa, ruas de escadas, pequenas capelas escondidas nas ladeiras. Uma destas capelas é a de Santo Estevão, perto da igreja de Santa Clara. O corpo da Santa acha-se como foi encontrado, intacto no túmulo. Por detrás das grades, deitada em seu leito de morte, ela é exposta à visitação pública. Milhares de peregrinos descem o subterrâneo para venerar aquele corpo, que por suas virtudes, preservou-se da destruição. Na mesma igreja, pode-se ver o crucifixo que falou a São Francisco, pintado sobre madeira, como todos os crucifixos bizantinos. As romarias, as velas acesas, as esmolas e a curiosidade diminuem o poder místico do recinto.

Descemos a ladeira para encontrar o silêncio novamente na capelinha de Santo Estevão. Sentados naqueles bancos rústicos, observamos a simplicidade do recinto e o misticismo daquele local de oração. Santo Estevão, em Assis, lembra Ronchamp, na França. A capelinha de pedra, despojada, é iluminada por janelas retangulares, vazadas nas pedras da parede. Sentimento semelhante deve ter inspirado Le Corbusier em Ronchamp: a procura da paz através do despojamento completo. No mundo dinâmico em que vivemos, na agitação própria das grandes cidades, cada vez diminuem estes pequenos oásis, que despertam o encontro com nossa própria alma e um Ser superior. Difícil qualquer sentimento religioso em meio ao vozerio, ao acotovelamento, moedas tinindo e a curiosidade turística. A paz de Santo Estevão nos faz reviver, de certo modo, o que apenas conseguimos vislumbrar, de passagem, na multidão cercando o túmulo de Santa Clara. Santo Estevão é místico, silencioso e humilde. O sacrifício do jovem mártir nos emociona.

Outra Capela importante dedicada ao Santo é a Capela de São Francisco de Assis em Belo Horizonte, que reuniu num projeto inovador grandes artistas do modernismo brasileiro como Niemeyer, Portinari e Alfredo Cheschiatti. Situada à beira da Lagoa da Pampulha, hoje é considerada símbolo e cartão postal de nossa cidade.

15 de outubro de 2011

VENEZA E A PRAÇA DE SÃO MARCOS

Chegamos a Veneza às 4 da tarde, entre a bruma e a água. Até os postes de luz estão mergulhados dentro d'água e a cidade torna-se ainda mais estranha porque é vista pela primeira vez num dia de névoa. Aparece-nos lentamente, como num sonho. Descobrimos aos poucos suas pontes e palácios, a água chegando até aos alicerces de pedra, ruas estreitas e casas de 3 ou 4 andares.

Viemos de taxi-lancha até Rialto, ponto central da cidade. Em Veneza não há carros, andamos a pé, um carregador à frente com as malas.

O hotel é simpático, chama-se Albergue Malibran e da janela podemos ver e ouvir o movimento em baixo, o toc-toc dos saltos batendo na pedra, as vozes dos italianos discutindo. Tudo em Veneza é pitoresco e romântico, desde as gôndolas cortando as águas dos canais, às pequenas pontes curvas que ligam uma rua à outra.

No centro da cidade, zona comercial, não há canais. Nas ruas estreitas, com lojas de extremo bom gosto, circula o povo que assobia e canta alegremente. Assistimos a um concerto na praça de São Marcos. Ouvimos música sinfônica pela banda municipal da cidade, tendo como fundo de cenário a imensa catedral, cujas torres ora se erguem para o céu, ora se perdem na bruma da noite. Lampiões acesos, mesinhas de bar invadindo a área da praça, música, o povo religiosamente escutando, tudo isto nos fez sentir em Veneza um espírito completamente diferente daquele que percebemos em Roma.

Roma é uma cidade extremamente materialista, e apesar de ser a sede da igreja católica, não tem a espiritualidade que lá desejaríamos sentir. Tudo em Roma é força, mostrando o apogeu do poderio humano. Veneza é leve, graciosa, cheia de pombas voando. Veneza é um barco que desliza sobre as águas, e os venezianos vivem num imenso navio. Há várias lanchas que circulam pelo grande canal e param de um lado e do outro, levando o povo para os diversos bairros da cidade. Assistimos a um cortejo nupcial, a lancha dos noivos toda enfeitada de flores.

No trajeto da lancha-taxi, podemos observar os grandes palácios venezianos de lampadários acesos, escadarias de mármore e os alicerces de pedra cobertos de um lodo muito verde. No tempo das águas, estas casas devem ter os seus primeiros andares completamente submersos.

Os venezianos, durante a invasão dos bárbaros nos séculos IV e V, viram-se obrigados a se refugiarem no meio da laguna. Ali construíram suas casas de madeira, sobre estacas. Mais tarde, abriram canais para dirigir o fluxo das águas e formaram esta cidade. É com pesar que imaginamos sua completa submersão, prevista para daqui a alguns anos.

Estamos debruçadas nas sacadas do palácio dos Bórgia em Veneza, construído ao lado da Basílica de São Marcos. Em baixo, as pombas misturam-se aos turistas, e entre flashes e revoadas

conseguimos observar o panorama característico da cidade. No Mar Adriático em frente, passam embarcações também cheias de turistas, gente do mundo inteiro. A Itália é um monumento de arte e o turismo deve ser uma de suas principais fontes de renda. As igrejas não têm bancos, nem o silêncio necessário à oração. São museus. Guias acompanham bandos, legiões de forasteiros e explicam tudo em línguas diferentes. Inglês, francês, alemão, espanhol. O italiano nascido e vivido aqui só fala o italiano.

A enorme basílica de São Marcos, na semiobscuridade, brilha no ouro dos mosaicos de suas paredes e abóbadas e refulge nos relicários. Sente-se o espírito oriental e a inspiração bizantina no preciosismo de cada detalhe e na unidade do conjunto. São Marcos é requintada e simples ao mesmo tempo. O mesmo espaço de pedra da praça continua dentro da igreja, mas em piso de mosaico, ligeiramente ondulado pela terra em baixo, que ameaça ceder. Na praça, ouve-se música. Veneza é cidade essencialmente musical. Há alegria, movimento, música pelas ruas e a despreocupação completa do tráfego. A condução para a travessia dos canais é a antiga e famosa gôndola veneziana.

3 de dezembro de 2011

VENEZA, CIDADE QUE RESPIRA ARTE

Fotos: Luciano Luppi

(DIÁRIO DE VIAGEM,1967)

Andamos pelas ruas escuras de Veneza, do outro lado do canal. Minha filha Marília segue à frente, abrindo caminho por entre os becos cheios de lodo, que caracterizam a parte velha da cidade, moradia de famílias pobres. Informaram-nos sobre um museu onde poderíamos encontrar arte oriental, e para ele nos dirigimos. Ao contrário de Roma, os museus aqui são pouco visitados. Subimos uma escadaria de madeira e esperávamos encontrar um museu oriental com seus Budas de ouro, porcelana chinesa, etc. No entanto, logo à entrada, deparamo-nos com dois guardas enormes, vestidos de armaduras medievais, armados de lanças, escudos e capacetes. Sinto um arrepio. A presença do homem que estivera escondido sob a armadura é quase viva e ameaçadora. Um verdadeiro exército de guerreiros armados enfileira-se pelos quatros cantos da sala com um realismo tal que apavora o visitante.

Nossa visita ao museu oriental de Veneza começou por esta sala de armaduras medievais. A história dos povos antigos, suas invasões e lutas estão aqui presentes, num estranho impacto de violência e morte. Os olhos achinesados deste capacete de ferro parecem esconder a crueldade e a

vingança. No meio das armaduras, outros olhos policiam nossos gestos. É um guarda vivo que nos acompanha. Encosto-me, sem querer, num dos escudos. Um objeto cai e os guerreiros, empunhando lanças, parecem avançar contra nós. Deixamos a sala dos cavaleiros medievais para descansar na finura da porcelana chinesa. O azul é a cor da paz, e a delicadeza dos vasos pintados nos redimem da agressividade das armaduras de ferro.

(DIÁRIO DE VIAGEM, 2000)

Quando a arte se estende à vida, ela se manifesta com a espontaneidade do canto dos pássaros. Dispensa curadores e intermediários e vai surgindo aqui e ali, sem intenção de ser arte. Surge para celebrar um momento único, uma alegria de viver, espontaneidade nunca repetida.

Estávamos em Veneza, após o encerramento a Bienal intitulada “Ética ou Estética”. Víamos os anúncios em todos os muros. Dentro da Bienal, curadores, marchands, artistas, disputaram prêmios e seleções. Do lado de fora, as gôndolas deslizavam nas águas, seguindo o ritual diário da cidade.

Tomamos um barco, Luciano, Ivana, Ida e eu. Naquele momento Luciano Luppi, neto de italianos, de pé no barco, assumiu a postura de diretor de teatro e diretor de orquestra e foi nos conduzindo pelas águas da cidade.

Há momentos na vida inesquecíveis e aquele deslizar de gôndola pelos canais de Veneza foi um deles. Luciano, não somente nos conduzia, mas também cantava com sua voz de tenor. Cantamos “Roberta”, “Io te amo solo te”, “Dio, como te amo” e “Santa Lucia”, marca registrada da Itália. Ali estávamos para participar de um coro imaginário de cancioneiros e gondoleiros. As janelas se abriam e as pessoas sorriam e acenavam. A cada manifestação de carinho, tomávamos coragem para cantar mais alto e mais bonito.

Naquele dia conseguimos alcançar um instante do maravilhoso. Como se fosse um prêmio dado pela própria vida.

14 de dezembro de 2011

ROMA, PRAÇAS E FONTES

Fotos: Maurício Andrés

No momento em que a Casa Fiat de Cultura traz para Belo Horizonte uma grande exposição sobre o Império Romano, coloco neste blog minhas impressões sobre Roma registradas em diário de viagem.

Tráfego intenso, ruas estreitas, casas pintadas de vermelho, vozerio, brigas, uma batida de carro, gente em torno discutindo: “Quem tem razão?”

Assim, Roma nos apareceu pela primeira vez.

Depois, aquele motorista que nos transportou ao aeroporto às cinco horas da manhã. Quase perdemos o avião. Lembro-me como se fosse hoje do aperto que passamos. O carro velhíssimo, não funcionava, o farol quebrara com os murros que o “chauffeur” lhe dera, o tempo passava e chegamos ao aeroporto com 10 minutos de atraso. Mas, italiano é como brasileiro. Sempre dá um jeitinho para tudo. A escada do avião já tinha sido levantada. “Ponha a escada de novo que elas chegaram! ”

A raça latina é tão parecida em qualquer parte da terra! ... Gente barulhenta, extrovertida, mas sempre solidária.

Roma de hoje, nesta manhã de verão: o mesmo colorido tropical nas vitrines, a mesma confusão nas ruas. As cenas sobrepõem-se como cinema: Roma “quadrata”, com suas portas construídas pelos antigos moradores da cidade, o arco de Constantino lembrando a vitória do imperador e sua chegada triunfante com as relíquias de Cristo.

A cidade antiga, ruínas de um grande império, a lembrança dos Césares nas pilastras, no Fórum, no Coliseu. Depois da Roma pagã sobreveio a Roma cristã, levantando como bandeira o heroísmo dos mártires: a vida dos primeiros cristãos, seu sacrifício, sua atitude idealista e espiritual, seu protesto.

Bernini é o artista das praças de Roma, das fontes que jorram água e caem sobre pedras e

esculturas de guerreiros e cavalos. Bernini é a agressividade e a violência, fruto do espírito barroco da época. Seguidor de Miguel Ângelo, dele captou a força, mas não atingiu sua poesia. Suas figuras gigantescas, retorcem-se em movimentos de músculos deformados, e a água que jorra vai transmitindo ao presente um pouco da história do passado.

Nosso programa é especialmente correr museus, mas a cidade em si é um grande e dinâmico museu. As esculturas de pedras aparecem nas esquinas, ou nas praças entre repuxos. À sombra de edifícios antigos, professores dão aula de história da arte. Há sempre uma estátua ou um monumento para ilustrar ao vivo um fato histórico ou artístico. A vida presente é a alegria do povo, misturada ao vozerio dos turistas com máquinas a tiracolo, uma verdadeira torre de babel de idiomas diferentes, como se aquela fonte, vista àquela hora da tarde, concentrasse sob suas águas a unidade dos povos. Há gente de todas as raças. Todos querem jogar sua moeda na Fontana de Trevi, a famosa fonte dos amores que faz a pessoa retornar à Roma com o preço de uma simples moeda...

Quando descemos as escadarias da embaixada brasileira, o famoso palácio Doria Pampigli, adquirido por Hugo Gouthier, encontramos em cada patamar uma escultura. As lendas de um fantasma, que aparece à meia-noite e anda pelos corredores do palácio, dão ao recinto um aspecto misterioso. A casa do Brasil organiza exposições de arte, e os representantes de nossa terra aqui sempre deram apoio aos artistas, e são grandes colecionadores de arte moderna. Das janelas da embaixada podemos ver em baixo a praça Navona, cheia de crianças, num dia de sol. O presente e o passado se encontram, e a expansão do cristianismo é simbolizada nas fontes de Bernini, representando os rios Nilo, Ganges, Danúbio e Rio da Prata, que significam a universalidade da igreja católica.

A fé, profundamente ligada à arte nos períodos anteriores de nossa história, transportou à América e ao Brasil, através de Espanha e Portugal, o barroco que atualmente constitui nosso maior patrimônio artístico.

Agora, contemplando as esculturas de Roma, vejo as raízes da arte barroca em Miguel Ângelo e Bernini.

29 de dezembro de 2011

ROMA, CATACUMBAS

Fotos: internet

Estamos nas catacumbas, lugar onde se escondiam os primeiros cristãos, fugindo das perseguições religiosas. Penetramos em longa fila de turistas à luz de tochas e velas, através das escavações subterrâneas. Nos nichos, nas pequenas capelas clandestinas, na sala de reuniões onde celebravam missas, os cristãos distribuíam o pão e faziam suas pregações religiosas. A grande força de uma fé inabalável está gravada na pedra em grego, latim e hebraico e ressuscita nas sombras projetadas nas paredes, nas alcovas descobertas e nas inscrições dos mártires. No alto, onde estão sepultados os nobres romanos, que clandestinamente pertenciam ao cristianismo, Constantino construiu a igreja de São Pedro e São Paulo, agora transformada em igreja de São Sebastião, o mártir. Alcançamos, através do subterrâneo, a sala de recolhimento onde os cristãos escreviam seus apelos aos apóstolos Pedro e Paulo. Um padre à frente explica, e dificilmente conseguimos conter as lágrimas. Como pôde um povo ser tão despojado, tão desprendido do amor à vida e às coisas materiais? Se fossem descobertos, seu destino seria o Coliseu e as feras. O silêncio emocionante nos faz esquecer que estamos no século XX e que o materialismo invade o mundo cada vez mais. Nestas pedras estão inscritas as orações dos primeiros cristãos. E ouvimos o padre explicar em bom inglês: “Aqui, as famílias perseguidas dirigiam suas preces a Pedro e Paulo:”

“Protegei-nos e a todos aqueles que mais tarde puderem ler o que escrevemos”. Noutro local, um pai que no dia seguinte seria lançado às feras, recomendava seus filhos aos apóstolos.

Subimos à nave da igreja, onde, num altar lateral, estão gravados, na pedra, os pés de Cristo. O impacto emocional não nos permite falar e perguntar muito. Os guias continuam a relatar indiferentemente, sem emoção, coisa tão inexplicável, tão espiritual, como foi a vida de sacrifício dos primeiros cristãos...

À saída, o ar puro e a luz do sol nos mostram novamente a Roma dos tempos modernos. Os

romanos vivem a agitação do século, a civilização atual. A máquina e a tecnologia adaptaram-se perfeitamente a esta cidade, onde as cenas da história dão calor e vida. Do passado, apenas os monumentos, estátuas e ruínas. A lei do presente é outra, mudaram-se as reivindicações. Nas ruas, o protesto. “Queremos o divórcio”. Homens e mulheres levantam cartazes, afrontando a igreja. Muito sofrimento atingiu este povo que viveu a guerra de perto, passou fome e agora ressurge nos tempos modernos, à luz de novas ideologias.

Roma é o poderio da igreja católica sobre o paganismo anterior, vendo-se templos antes pertencentes aos deuses, agora transformados em templos cristãos. O Panteão enorme, vazio, rememora um passado muito longínquo de fausto e riqueza. A cúpula com uma abertura circular de 9 metros de diâmetro, deixa entrar a luz de claraboia que ilumina o grande salão de pedra, despojado de móveis, iluminado somente por aquele círculo de luz lá no alto, cortando o céu.

O céu de Roma é azul como o céu brasileiro. Seus edifícios imponentes, pesados, têm uma longa história a contar. São casas queimadas de sol, vermelhas, quentes, como o calor da Itália, o colorido das vitrines, as blusas estampadas, as gravatas, a pele tostada dos italianos. Há barulho, vozerio, alegria, misturado ao mistério das vielas estreitas e sombrias, que parecem não dizer nada, senão pobreza, mas, de repente, como que por milagre, deixam entrever um monumento, um palácio, uma estátua, uma fonte.

7 de janeiro de 2012

ROMA, VATICANO

Fotos: Maurício Andrés

Visitamos o Vaticano à noite. Atravessando a ponte que conduz ao Castelo de St. Angelo, onde viveu Lucrécia Bórgia, pode-se ver de longe a cúpula da basílica de São Pedro, muito branca, dentro da noite. Inúmeros arquitetos estiveram à frente de sua construção, cabendo a Miguel Ângelo a criação da famosa cúpula e, a Bernini, o projeto circular monumental, com a basílica no centro de imensa praça, ladeada de colunas de pedra. Emociona, à primeira vista, o espaço entre as colunas, que se elevam enfileiradas circundando o palácio do Vaticano e a Basílica de São Pedro. A grandiosidade da praça vazia, vista à noite, entre sombra e luz, toma um aspecto fantástico, irreal e comove ao primeiro impacto.

Volto a São Pedro durante o dia. O interior da basílica decepciona. Há uma mistura de estilos, o individualismo e a vaidade prevalecendo. O que um artista começou foi modificado por outro, e a basílica enorme, requintada, excessivamente enfeitada, perde pelo excesso de decorações; mármore, ouro, colunas renascentistas, altares barrocos, tudo procurando sobressair, mas contribuindo para desvalorizar algumas das grandes obras ali expostas, tais como a “Transfiguração” de Rafael e a “Pietá” de M. Ângelo.

Universalmente conhecida, esta imagem comove o mundo, apesar da colocação desfavorável dentro da basílica. Há uma expressão de ternura que se desdobra através do manto, o abandono do Cristo, a suavidade de contornos do rosto de Maria.

A expressividade em arte não descreve, nem analisa, mas desperta o sentimento estético, como a música. Atinge diretamente a alma e não a inteligência. Talvez por isso, sem ser dramático nem apelar para o trágico, Miguel Ângelo comove pela profundidade expressiva. A Virgem Maria parece uma jovem de 18 anos. Talvez Miguel Ângelo não quisesse esculpir a realidade dos fatos, mas eternizar o amor materno, que é grande e puro e não sofre a ação do tempo. Através da arte, os

sentimentos humanos são transmitidos: o amor ou o ódio, a espiritualidade ou o materialismo, a violência ou a paz. Em frente ao mármore rosado da Pietá, o viajante se detém, atingido pela força de expressão de um dos sentimentos mais nobres da pessoa humana.

Combinamos uma visita ao Vaticano, para ver o museu e a Capela Sistina. Recebe-nos o conservador-chefe do museu do Vaticano, Sr. Redig de Campos. Leva-nos até a sala de Rafael, onde explica detalhes interessantíssimos dos afrescos, que foram pintados pelo artista com a idade de 24 anos, no princípio de sua carreira, estimulado pelo papa Júlio II, descobridor de gênios. Entusiasmado com o talento do jovem Rafael, o Papa Júlio deu-lhe a encomenda dos afrescos, mandando cobrir as pinturas originais de Piero de la Francesca! ...

Isto nos lembra as injustiças que em todas as épocas se comete, quando, em detrimento de outros valores, visa-se promover uma nova revelação.

Recentemente, o serviço de conservação do patrimônio artístico do Vaticano foi mobilizado para a restauração da obra de Rafael. As películas de tinta foram retiradas por um processo especial e, nessa remoção, descobriram trechos da pintura anterior.

No meio de todos os tesouros do Vaticano destaca-se, pela força de uma arte madura e expressiva, a Capela Sistina, pintada por Miguel Ângelo. O poder de criação do artista manifesta-se nesta obra de modo violento; dinamismo e tensão aumentando a capacidade expressiva do conjunto. Ao centro de um grande círculo de penitentes em expectativa, o Cristo, braço direito erguido, tendo a seu lado, como intercessora, sua mãe, julga a humanidade e separa os bons dos maus. O desenho barroco de M. Ângelo movimenta as figuras, estruturando-as num todo, onde os contrastes de luz e sombra dão relevo quase escultural. Miguel Ângelo, o pintor, convence tanto quanto o escultor, principalmente por seu caráter de monumentalidade. Talvez este Juízo Final e o teto decorado com cenas bíblicas seja o conjunto mais belo, mais impressionante, de todas as obras primas que se acham em Roma.

20 de janeiro de 2012

PARIS

Foto: internet

"Il y a une place au coin de la rue". Abro as janelas e escuto a lição do áudio visual de francês. "Voilá le passage clouté". Estamos em Paris. Este hotel já foi quartel general dos alemães, durante a ocupação. Na passagem "clouté", os pedestres avançam, vestidos de capa cor de areia. O outono começou, um vento frio sopra sobre a cidade e os parisienses se agasalham. Estamos perto da zona comercial e podemos observar sem esforço as vitrines de Paris. À direita, uma livraria com livros de D. Helder Câmara, que é muito conhecido aqui, à esquerda as casas de moda, mostrando o bom gosto e a sobriedade das francesas. Nas esquinas, o cafezinho servido nas calçadas, ponto de encontro para um bate-papo.

"Liberdade, Igualdade, Fraternidade!"

A Marselhesa parece se estender pelas ruas de Paris, prolongando o ideal revolucionário. A noção de liberdade do francês não encontra limites. Há a liberdade de pensamento, de costumes, de expressão. O respeito à liberdade do outro, caracteriza de certo modo o espírito do francês. Há falta de expansão mesmo na juventude, que não se exalta em discussões nas esquinas, como nos demais países latinos. A liberdade é contida dentro dos limites que a educação exige, não se ouvindo o som tocar a toda altura, porque o vizinho tem o direito ao silêncio. Paris chega a ser, às vezes, uma cidade triste, quando se lembra de Roma e da exuberância italiana.

Mas, com a crescente onda de estudantes negros vindos da Argélia, o silêncio do francês tende a se modificar. A imigração vinda da África traz música e expansão para os países onde

consegue penetrar. E na Paris do momento, os africanos misturam-se aos brancos, sem preconceitos.

"O Café de Flore", antigamente ponto de reunião de artistas e literatos, é frequentado agora pelos tipos mais bizarros.

Uma senhora de idade, vestida de homem, gravata e cartola roxa, acaba de sair de uma galeria de arte, onde discutiu política o tempo todo. A galeria Valérie Schmidt, ponto de reunião de escritores e artistas, inclui em seus "habitués" também os antigos membros da Resistência Francesa.

O francês rememora com carinho os heróis da guerra, aqueles que defenderam a França à custa da própria vida. É comum encontrar-se ao longo dos muros de pedra uma inscrição diariamente enfeitada de flores: "Aqui morreu um herói em defesa da pátria".

5 de fevereiro de 2012

O ESPÍRITO DE PARIS I

Fotos da internet

Em 1967, depois de realizar uma exposição juntamente com Marília Giannetti Torres, em Paris, de regresso ao Brasil, escrevi para o terceiro caderno do jornal Estado de Minas as impressões sobre o que vi e observei na arte e na vida parisiense. Transcrevo abaixo um trecho daquele artigo:

“Paris continua sendo a cidade que lidera os movimentos modernos e forma novos artistas para uma arte mais consciente e amadurecida.

Estudamos isso na história da arte quando revivemos a luta dos impressionistas, seu espírito de não acomodação às normas, sua vontade de fixar direções novas para a arte.

A visão de Paris atual, em 1967, quando 90 anos se passaram desde as primeiras manifestações

modernas até os dias de hoje, nos dá um esclarecimento melhor da cidade que ofereceu ambiente propício para que tais movimentos seguissem avante. Isto porque Paris, apesar de antiga em sua história, sempre foi moderna em seu espírito, abrigando movimentos às vezes contrários, mas sempre renovadores.

Para haver renovação em arte é preciso que haja também campo para isso: exposições, discussões, polêmicas, conferências, museus funcionando, antigos e modernos, concertos sinfônicos, teatros, ballets.

De todos estes enriquecimentos nasce alguma coisa nova, que mais tarde talvez contribuirá para o avanço da arte. Porque há lugar para todos, modernos e antigos, conservadores e vanguardistas. A cidade procura abrigá-los. O tempo e o público julgarão os melhores. A vida em Paris se multiplica de maneiras diversas, do misticismo ao erotismo, do intelectual que se afunda nos livros alheio a tudo, ao gozador da vida que frequenta habitualmente o Lido e os cabarés da Praça Pigalle.

Paris é cidade de contrastes. O espiritualismo e o materialismo vivem lado a lado, guardando respeito pelo vizinho sem interferências. Notre Dame de Paris, situada no centro de um imenso jardim é grave e imponente, plantada no meio da ilha, como uma advertência. Seus sinos quando batem convidam ao silêncio e à meditação e lá dentro, na penumbra, todo um passado histórico se desenrola.

A imponência de Notre Dame rememora o cristianismo da Idade Média, cada cristão contribuindo para a construção da catedral, cada artesão submetendo-se humildemente à orientação do artista que os dirigia, como o maestro de uma grande orquestra. As palavras sagradas se transformaram em pedra e se eternizaram nas esculturas, nas colunas, nas torres.

Do lado de fora, em seus jardins reúnem-se os “beatniks” franceses, barbudos, sujos, descalços. O protesto dos “beats” não é reprimido pelos guardas. Podem fazer o que quiserem, contanto que não passem do horário. À noite, depois de 10 horas os guardas apitam e fecham os portões, e a turma se retira para seus abrigos à beira do Sena, debaixo das pontes mais lindas da cidade. A turma é jovem, adolescente ainda e não acredita na vida. Para eles não existe o futuro, as moças são livres, não guardam tradições de família.”

14 de julho de 2016

O ESPÍRITO DE PARIS II - BIENAL 1967

Fotos da internet

A primeira impressão do visitante que chega à Bienal de Paris é a de estar chegando a um grande parque de diversões. À porta, logo na entrada do Museu de Arte Moderna, os enormes balões suspensos convidam ao jogo. Não há visitante que deixe de dar o seu impulso nas bolas enormes. A arte dos jovens é uma arte de surpresa e choque, que exige a participação do espectador de maneira violenta. Há um robô de madeira, do tamanho natural, subindo a escada, luzes e movimentos, fios elétricos, aparelhos projetores de formas coloridas acompanhadas de música eletrônica.

Há salas especiais para determinados inventos e o alemão Geissler expõe enormes bolas de plástico contendo pequenas formas coloridas que se movimentam quando tocadas por fora. Esta arte procura reviver, no espectador, imagens de uma infância perdida, um mundo que ressuscita ao primeiro toque, em formas e cores.

Não há uniformidade nem estandardização nesse conjunto de invenções que caracteriza a Bienal dos jovens. As experiências variam do grotesco ao lúdico, do erótico ao místico, do intelectual ao cômico.

Na representação francesa, a maior da Bienal, grupos diferentes se formam de acordo com as tendências. Cada um deles se caracteriza por preocupações comuns ou paralelas, numa concepção estética relativamente homogênea. Dos diversos grupos sairão vários caminhos, novas invenções para o futuro. Há o grupo letrista, dos retratos acompanhados de escritas, há os objetos e máquinas, há o grupo cinético com móbiles musicais, propondo formas novas, pensamentos novos e, também na representação francesa, a arte de equipe. Nessa arte de equipe um novo caminho se abre com a colaboração de arquitetos, escultores, pintores, fotógrafos, oferecendo ao público, não mais uma criação individual, mas uma organização de ideias. “O espaço dinâmico em constante movimento” acompanhado de projeções audiovisuais, dá testemunho desse trabalho de equipe. Em um conjunto audiovisual bem estudado, o espectador que penetra em seu interior torna-se um dos elementos

do espaço.

Agrupando artistas de acordo com a tendência e sensibilidade comuns, a representação francesa ganha força em seu conjunto, permitindo ao espectador um estudo mais preciso das diversas formas de manifestação artística do momento. Na sua diversidade, na sua efervescência, a arte atual nos oferece um campo variadíssimo, rico de inventividade e imaginação. Quer se trate da arte cinética, abstrata, figurativa, de um trabalho individual ou de equipe, a criação artística não conhece um só caminho. Todas as experiências são válidas desde que sejam autênticas. Isto permite até o julgamento mais acertado de um trabalho por parte da crítica, como também possibilita maior respeito ao esforço de cada artista em particular. Da contribuição francesa à Bienal de Paris, pode-se tomar consciência dessa proposta feita ao mundo. Há lugar para todas as tendências, todos os estilos de arte. E não somente para aqueles que estão na ordem do dia. O que hoje está na moda, amanhã poderá cair. Permanecendo dentro de uma tendência que realmente se ajuste à sua personalidade, o artista poderá se afirmar melhor, aprofundar um trabalho começado, enfim, contribuir realmente para o avanço da arte no mundo.

Do contrário, seu esforço será apenas o da corrida da novidade, superficial, ditada pela imposição de fora, sem vivência. Esta corrida é a maior arma que se poderá usar contra a arte, pois não é apenas apresentando novidade que o artista se impõe, mas pesquisando e aperfeiçoando o que iniciou. Só isso poderá, no futuro, assegurar-lhe uma posição mais sólida no panorama universal.

Aquela visita à Bienal de Paris em 1967 foi a minha primeira impressão sobre Arte Contemporânea. Hoje vemos que essa linguagem se projetou para o futuro, abrindo caminhos novos. Atualmente, Inhotim, em Minas Gerais, recebe visitantes do mundo inteiro, sendo considerada uma referência para a Arte Contemporânea.

25 de julho de 2016

O ESPÍRITO DE PARIS III – BIENAL 1967

Fotos da internet

A inquietação da arte atual, os vários caminhos propostos, quando bem conduzidos, virão enriquecer e não confundir a linguagem artística do homem moderno. Porque esta linguagem baseia-se no respeito à personalidade e no aproveitamento de todas as formas vivas de criação. Hoje os recursos são muito maiores, a técnica, a eletrônica, oferecem campo imenso à arte. Mas os recursos da eletrônica e da técnica não conseguiram abafar as outras vozes que ainda continuam a dar o seu testemunho, nesse amplo e variadíssimo cenário da arte contemporânea. A Bienal de Paris, exposição de jovens, que significa apoio a toda e qualquer mudança, soube compreender isto através da formação de grupos.

Da contribuição francesa à Bienal de Paris pode-se tomar consciência desta proposta ao mundo.

Havendo grupos e lugar para todas as tendências, há também a possibilidade de uma afirmação, de um aprofundamento maior de cada setor de arte.

Esses indicarão melhor ao jovem o seu caminho do que a dispersão total depois de um estágio de estandardização vindo de fora. No futuro, se isto se der, o artista será julgado ao lado de outros artistas com as mesmas possibilidades. É necessário, para o benefício da arte e para a sua sobrevivência, que esses grupos se formem. Porque a arte contemporânea, com o avanço da psicologia e a compreensão mais profunda do ensino de arte, não poderá ter senão um caminho: o respeito à personalidade de cada artista e o incentivo à criação. Paris, centro de arte desde o passado, continua no presente a conscientizar o mundo das novas e múltiplas direções propostas à arte.

LUZ E MOVIMENTO

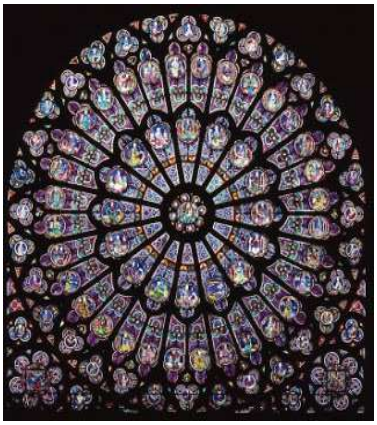
Na exposição de luz e movimento, realizada no Museu de Arte Moderna e da qual faz parte um brasileiro, Sérgio Camargo, a inventividade domina todos os setores. Há o jogo de espelhos em que a imagem do espectador é refletida em inúmeros retratinhos coloridos em todas as posições. Há corredores estreitos, com formas iluminadas ao fundo, dentro de ambientes escuros, há caleidoscópios, cinemas, projeções coloridas, seguidas de música.

Atualmente, em Inhotim, um grande caleidoscópio, de autoria do artista Olafur Eliasson, multiplica as imagens do espectador, incentivando o lúdico.

O mundo das invenções modernas deixa o seu caráter utilitário para se integrar à arte, nas pesquisas mais avançadas. Arte e técnica, eletricidade, sons, música, luzes: a arte e a engenharia se encontram para transmitir ao mundo novas ideias e novos recursos no campo estético.

1 de agosto de 2016

CONCERTOS EM NOTRE DAME



Fotos: internet

Paris continua sendo a cidade que lidera movimentos modernos e forma novos artistas para uma arte consciente e amadurecida. Estudamos isso na história da arte quando revivemos a luta dos impressionistas, seu espírito de não-acomodação às normas, sua vontade de fixar direções novas

para a arte.

A visão da Paris atual, quando mais de 100 anos se passaram desde as primeiras manifestações modernas até os dias de hoje, nos dá um esclarecimento melhor da cidade que ofereceu ambiente propício para que tais movimentos seguissem avante. Isto porque Paris, apesar de antiga em sua história, sempre foi moderna em seu espírito, abrigando movimentos às vezes contrários, mas sempre renovadores.

Para haver renovação em arte é preciso que haja também campo para isso: exposições, discussões, polêmicas, conferências, museus funcionando, antigos e modernos, concertos sinfônicos, teatros, ballets. De todos esses elementos nasce alguma coisa nova que, mais tarde, talvez, contribuirá para o avanço da arte. Isto acontece porque há lugar para todos, modernos e antigos, conservadores e vanguardistas. A cidade procura abrigá-los.

O tempo e o público julgarão os melhores. A vida em Paris se multiplica de maneiras diversas, do misticismo ao erotismo, do intelectual que se afunda nos livros, alheio a tudo, ao gozador da vida, que frequenta habitualmente o Lido e os cabarés da Praça Pigalle.

Paris é cidade de contrastes. O espiritualismo e o materialismo vivem lado a lado, guardando mútuo respeito, sem interferências.

Notre Dame de Paris, situada no centro de um imenso jardim, é grave e imponente, plantada no meio da ilha, como uma advertência. Seus sinos, quando batem, convidam ao silêncio e à meditação, e lá dentro, na penumbra, todo um passado histórico se desenrola.

A imponência de Notre Dame rememora o profundo espírito comunitário do cristianismo da Idade Média, cada cristão contribuindo para a construção da catedral, cada artesão submetendo-se humildemente à orientação de um arquiteto, de um chefe, que os dirigia, como um maestro de uma grande orquestra. As palavras sagradas transformaram-se em pedra e eternizaram-se nas esculturas, colunas e torres.

A mesma juventude, que se reúne em Saint-Germain e Saint-Michelle, batendo papo e se divertindo nos cafés, ao longo das calçadas, é vista em religioso recolhimento dentro da catedral de Notre Dame, assistindo a um concerto de órgão. Superlotam as naves da catedral nessas noites de concerto, e se assentam no chão ou nas escadas, porque os bancos são insuficientes.

Do lado de fora, em seus jardins, reúnem-se os "beatniks" franceses, barbudos, sujos, descalços. O protesto dos "beats" não é reprimido pelos guardas. Podem fazer o que quiserem, contanto que não passem do horário.

À noite, depois de 10 horas, os guardas apitam e fecham os portões, e a turma se retira para seus abrigos à beira do Sena, debaixo das pontes mais lindas da cidade. A turma é jovem,

adolescente ainda e não acredita na vida. Para eles não existe o futuro, as moças são livres, não guardam tradições de família.

13 de fevereiro de 2012

MONTMARTRE E SAINT-GERMAIN

Foto: internet

Em Montmartre, onde moraram os pintores impressionistas de maior destaque, as memórias do passado misturam-se a um presente turístico cheio de curiosidade. Na famosa praça à beira do Sacré-Coeur, pintores de todos os estilos, na maioria medíocres, vendem seus quadros na rua, para turistas, como os que vendem souvenires à porta das igrejas. Dentro dos pequenos cafés e restaurantes, a vida boêmia de Degas, Renoir, Monet, Van Gogh, está presente na memória do visitante. Surgem aos olhos curiosos os lugares onde eles viveram, o "Moulin de la Galette", as casas com janelas envidraçadas, os lampiões de calçada, as esquinas e ruas de Paris pintadas por Utrillo. O famoso Sacré-Coeur, branco e místico, no alto da colina, domina uma das mais belas vistas da cidade, e junto às suas escadarias palpitam os famosos cabarés de Paris.

Saint Germain des Prés é hoje o bairro dos artistas, muito mais que Montmartre. É lugar de gente jovem, de ideias novas.

A França, desde o século XIX tornou-se o principal centro das artes e a maioria dos movimentos artísticos do modernismo teve início em Paris e ali se desenvolveu. Contra a arte decadente e imitativa das academias de Belas Artes, começaram a germinar na França as primeiras ideias revolucionárias. Dali surgiu o movimento moderno de renovação. Foi na primavera de 1874 que jovens pintores hoje considerados mestres, tais como Renoir, Monet, Pizarro, Sisley, Degas, Cézanne, inauguraram em Paris a primeira exposição de arte moderna. A denominação impressionista dada pejorativamente ao grupo por um crítico mais exaltado foi adotada.

Hoje em Montmartre os turistas se aglomeram entre mesinhas, cavaletes e tintas. Querem ver os artistas pintando. Atualmente, quase todos são acadêmicos, atendendo ao gosto dos clientes, em contraste com os primeiros modernistas, que se reuniam naquele mesmo local e que romperam

com as normas do passado para trazer o novo, o criativo. Sofrendo a incompreensão da crítica, passavam fome, não vendiam seus quadros, recusavam condecorações.

Hoje, suas telas são disputadas por preços astronômicos, pertencem aos grandes colecionadores e fazem parte do acervo dos melhores museus do mundo.

Van Gogh morreu pobre, era sustentado pelo irmão, nunca vendeu um só quadro. Hoje, suas telas valem milhões de dólares. O mercado de arte num plano internacional tornou-se uma bolsa de valores.

O ÚLTIMO TOMBO EM PARIS

*Fotos da internet

Do outro lado da rua havia uma loja de flores. Já havíamos percorrido a cidade toda atrás dessa loja e sempre a mesma resposta: “Não temos sementes à venda”. A loja de flores em frente ao Sena vendia sementes de todas as qualidades. Imaginei o Retiro das Pedras cheio de flores azuis, vermelhas, amarelas, vindas da França....

Era preciso atravessar a rua para alcançar aquela loja. Hora do rush, carros parados, sinal fechado para eles. Resolvemos atravessar a rua ali mesmo, ente os carros parados, à espera do sinal verde. O caminho era estreito, mas dava passagem para um de cada vez. Hesitei ao primeiro instante. “Será que dou conta?” ”Vem, dá tempo”. As outras foram na frente, resolvi ir também. Olhei para o outro lado da rua, naquele momento percebi que a rua era larga, teria de andar depressa. Estava com um tênis novo, o número acima do meu. Tênis folgado não dá para andar depressa.

Fiquei aflita, não vi a hora nem por quê. Tropecei e caí. Só me lembro de ver um carro à minha frente com um para-choque enorme perto de minha cabeça, como uma guilhotina. Do outro lado do Sena Maria Antonieta fora guilhotinada um dia. A dor na testa me dizia que eu caíra de cabeça no asfalto, a dor no joelho anunciava que a perna também sofrera.

Só tive tempo de buscar meus óculos que haviam sido jogados à altura das mãos, no asfalto quente de Paris. A loja de flores estava em frente à nossa espera. Fomos para lá. Sentei-me atordoada num banco que o dono da loja me deu. Solícito, foi buscar água para eu beber. Eu estava em estado de choque. Naquela hora, percebi a solidariedade dos franceses. “Deixa por minha conta, nos disse o dono da loja, vou acessar o corpo de bombeiros.

“Minha cabeça doía e, ainda atordoada com a queda, comecei a escutar as sirenes tocando cada vez mais alto. Os bombeiros estavam se aproximando.

Só me lembro de vários olhos azuis me atendendo e mãos me enfaixando a perna depois de derramar iodo. Lembrei-me da infância – todas as quedas eram curadas com iodo. Os bombeiros fecharam a mala azul dos primeiros socorros, guardaram a maca e me deram alta ali mesmo, na loja de flores. As sementes não foram compradas, não havia clima para isso, mas o cheiro de flores e a solidariedade daqueles franceses nunca serão esquecidos. Era o nosso último dia em Paris, viajei para o Brasil com o joelho enfaixado e um galo na testa. Comprei arnica C5 na farmácia em frente e fui tomando 3 glóbulos de hora em hora para evitar hematomas futuros.

A notícia de meu último tombo em Paris circulou entre os amigos como um evento a mais no meu currículo. As pessoas tinham sempre um caso para contar sobre tombos. “Meu pai caiu no banheiro quando viajava e quarenta dias depois começou a ficar esquisito, esquecendo tudo...Teve que ser operado na cabeça.

Fiquei ciente dos sintomas: dor de cabeça alucinante, vômitos. Diante daquelas referencias, eu também acordava com dor de cabeça e enjoo.

“Dor de cabeça não tem importância, só se ela for de madrugada!... e era justamente de madrugada que vinha a dor.

Fiquei dias à frente do fogo, sem sair da minha casa no Retiro das Pedras, esperando a tão temida “demência” resultante de choque na cabeça...Ainda faltava muito tempo para terminar meu estado de observação. Falaram-me até em sessenta dias... Perguntei a uma pessoa “Você está me achando esquisita?” ”Ora, você sempre foi”.

Então desisti de esperar e resolvi aceitar o convite do Artur para viajar com o grupo UAKTI pelas montanhas do Rio: Teresópolis, Nova Friburgo e depois Rio de Janeiro. Acompanhei os músicos, o

grupo brilhou nas alturas, sob o maior frio do ano – trazendo instantes de grande beleza para uma plateia jovem e entusiasmada.

Nada como um dia depois do outro, com eventos sucessivos, os positivos encobrem os negativos. Fiquei boa sem tomar remédio, só substituindo as cenas no panorama da vida.

20 de março de 2018

FENÔMENOS DE SINCRONICIDADE

Foto: internet

Enquanto esperamos a chamada para Londres procuramos fazer alguma coisa para passar o tempo.

Os fenômenos de sincronicidade acontecem diariamente na vida de qualquer pessoa. Não conseguimos percebê-los porque estamos constantemente envolvidos em pequenos problemas, o ontem e o amanhã interferindo no presente. Os fenômenos só acontecem no agora, são fatos e não memórias. Trazem luz para novos acontecimentos e proporcionam mudanças. As mudanças devem ser compreendidas como um toque de consciência vindo de regiões mais sutis, onde não existem cobranças ou imposições. Elas acontecem na vida, e a vida se revela como o grande mestre. Há sempre muita luz por detrás de todas as trevas aparentes. Só assim podemos tomar consciência de que realmente somos conduzidos por energias superiores.

Um aeroporto é o lugar de mudanças programadas e também mudanças não programadas.

Barcelona, 1996 – Tudo brilha neste aeroporto, desde o chão pavimentado com pedra cor de sépia, brilhando como um grande espelho, até as paredes de vidros com estruturas metálicas. Lá fora, uma chuva fininha também faz brilhar o asfalto do campo de pouso.

Estamos esperando. Enquanto escrevo, um inglês sentado em frente retira o computador da valise e digita. Não perde tempo. Nosso voo está atrasado, neste tempo os voos sempre atrasam. Ontem aquela jovem espanhola mudou nossa programação. Teríamos seguido ontem para Delhi às 9:45, mas o mau tempo impediu a chegada do avião de Londres. “Vocês não terão tempo suficiente para fazer a conexão...” A jovem nos advertiu: “É preferível ficar em Barcelona, os hotéis são mais próximos do aeroporto”. A jovem tinha dentes claros e um sorriso bonito. “Isto é devido ao mau tempo, os voos atrasam é preciso ter paciência e esperar. Aqui no aeroporto de Barcelona, todas as

pessoas estão esperando, pacientes".

Ontem, deixamos as malas no hotel e saímos em busca de uma livraria esotérica. Livrarias esotéricas trazem conhecimentos com pessoas interessantes. Nas paredes, dentro de estantes, livros de Krishnamurti, Cd's da New Age, tarôs, cartas, cristais, cabalas. O chão de pedra nos traz imagens de um passado remoto, pequenos becos adormecidos pelo tempo, casas com varandas, flores nos vasos. Dentro da livraria nos sentimos à vontade..."

O dono da livraria era aquele espanhol que almoçou junto conosco no restaurante self naturista. "Trabalho numa livraria esotérica" nos disse ele.

Agora, porque perdemos o voo, estamos podendo conhecer pessoas novas que abrem novos espaços para nossas vidas. Ana, artista plástica e cartomante vidente, nos surpreendeu logo de entrada com suas previsões. "Vocês vão aproveitar muito a viagem para a Índia". Dirigindo-se à minha filha Eliana: "Você desenvolve trabalhos junto com sua mãe, esta parceria é necessária" – Há muitos anos trabalhamos em parceria, ora fazendo desenhos, ilustrações, resumo de livros, uma equipe familiar em ação para trazer um pouco da filosofia da Índia para o Ocidente.

Agora estamos em frente a outra vidente, Moutse, uma moça jovem cercada de discípulos. Sentamo-nos em círculo e ela cantou para nós, um canto às vezes chorado, outras vezes suave, místico. Com esse canto ela cura as pessoas. Traz os problemas para o seu coração e ali eles se transmutam com o poder do amor tornando-se energias positivas...

"O momento atual é da transformação pelo amor". Transmutar em primeiro lugar as nossas próprias vibrações negativas transformá-las em vibrações de luz, que se estenderão pelo meio ambiente alcançando outras pessoas e transformando-as. Para ela a meditação está intimamente ligada ao amor, sem a energia do amor a meditação tornar-se-ia um simples exercício mental. Ofereci o meu livro de presente e Moutse beijou-o. Senti naquele beijo uma forma de abençoá-lo. Este encontro em Barcelona foi um fenômeno de sincronicidade que nos permitiu enxergar com mais clareza a nossa missão na Índia.

15 de junho de 2011

AMERICA LATINA

PERU - CUSCO

Ilustrações: Maria Helena Andrés

A cordilheira dos Andes, assim como os Himalaias, é considerada montanha sagrada pelos antigos habitantes da Terra. Buscando uma comparação entre os Andes e os Himalaias, entre o Ocidente e o Oriente, interessei-me em conhecer o Peru, onde está localizado Machu Picchu. Estive no Peru em 1983, ocasião em que estava escrevendo o livro “Oriente-Ocidente, integração de Culturas. ” Das anotações feitas no local realizei várias ilustrações para pequenos textos que transcrevo abaixo:

“Existe um elo que une povos percorrendo gerações e se fazendo manifestar no tempo e no espaço. Estamos em Cuzco, no alto dos Andes. As montanhas recortadas e sujeitas a movimentos sísmicos nos trazem lembranças do passado. A história é povoada de lutas e conquistas, sempre o mais forte sufocando o mais fraco. O domínio dos Incas se estendeu pela orla costeira de Norte a Sul, num espaço de terra que dava abertura para os quatro pontos cardeais.

Parte da Amazônia pertence ao Peru e até hoje, nas festas populares, os selvagens dançam com máscaras e cocares coloridos. A ligação da Amazônia com o Peru vem de longa data, há historiadores que afirmam que os povos vieram das selvas para as regiões mais altas, outros acreditam que a Amazônia foi o Paraíso terrestre.

Se quisermos esboçar um estudo comparativo entre as cidades mineiras e Cusco, podemos ver no primeiro instante a semelhança topográfica, devido à localização no alto das montanhas.

Cusco está situada aos pés da montanha, como as cidades históricas de Minas Gerais. Em Minas as cidades acompanharam a busca de riquezas, o garimpo abrindo novos caminhos pela terra virgem. Em Cusco, os conquistadores encontraram uma civilização já organizada, com palácios, fortalezas e templos, uma cidade em forma de pantera, estruturada na pedra de forma artesanal e firme. As construções tipicamente espanholas ergueram-se sobre as ruínas dos templos e palácios, proporcionando uma fusão de culturas desde os primeiros tempos da colonização.

Estamos em Cusco justamente no dia em que o papa João Paulo II aqui estava em visita ao Peru.

Com a chegada do Papa, pudemos ver danças folclóricas nas ruas, gente dos arredores, a cidade e o campo reunidos – parecia carnaval. Mascarados dançando na praça das armas e a multidão reunida. Mulheres pequenas, vestindo mil saias umas sobre as outras, chapéu de homem e sapatos também masculinos.

Uma mistura de Rajastão na Índia, com Nepal e Tibete, um frio nepalês, 3.500 metros acima do nível do mar.

Tenho andado devagar, para não cansar. Amanhã iremos a Machu Picchu, hoje à tarde um tour pelos arredores.

1 de dezembro de 2015

PERU - MACHU PICCHU

Ilustrações: Maria Helena Andrés

Este planeta tão pequeno, despertando debaixo do mesmo sol, faz produzir na terra a mesma vegetação. Olhando pela janela do trem que nos leva a Machu Picchu, vejo a cidade em baixo, cercada de montanhas, e a vegetação rasteira, nativa, produzindo as mesmas flores amarelas do Retiro das Pedras, lírios, palmas e até a famosa cicuta, erva daninha tão perigosa desde os tempos de Sócrates.

Ao longo da estrada, as casas de adobe servem de moradia para o povo do campo e pode-se ver o barro amassado em cubos e recoberto de grama para secar.

Montanhas surgem, cobertas de neve, no meio do verde e do céu azul, enquanto o trem vai seguindo num vai e vem descendo a montanha.

Machu Picchu e Anapicchu são duas pedreiras, semelhantes ao nosso Pão de Açúcar. A maior delas, Machu Picchu, simbolizava “o mais velho gerando sabedoria” e a menor, Anapicchu, “o mais

jovem, doando energia".

URUBAMBA

Vale sagrado dos Incas, é um rio que desemboca no Amazonas, com patamares recobertos com húmus, vindos de outros planos.

O rio de águas barrentas segue os acidentes do caminho. O trem acompanha o rio entre a monumentalidade das montanhas. Pequenos veios de água, riachos, pedras, cactos, pitas, acácias, formam o tapete natural de flores que acompanham o caminho do rio. Há musgos diferentes, nunca vistos, descendo as montanhas, eucaliptos plantados pelo homem, torres elétricas levando o progresso.

Ao redor das cidades existem aldeias autossuficientes que plantam batata, cevada, lentilha, mostarda, milho etc. As casas de adobe se distribuem pelas áreas de terra recortadas geometricamente, como as fazendas europeias. Aqui o dinheiro não é necessário para as primeiras necessidades, pois vivem de trocas.

OLANTAITAMBO

Lugar sagrado dos Incas, foi construído com grande sentido estratégico, como uma fortificação. Hoje é um dos lugares mais conhecidos pelos turistas. Dois teares enormes e os tecelões trabalhando, pai, mãe e filhos no mesmo ofício. Fazem cenas típicas do Peru.

TEMPLO DO SOL

Os incas tinham uma visão cósmica, adoravam e rendiam culto ao sol, à lua e às estrelas, ao arco íris, trovão e relâmpago. Chamavam a terra de mãe – Pachamamma - e prestavam culto à terra, à água e aos animais. Havia em cada mês do ano homenagens a um diferente deus. O calendário tinha 12 meses e 365 dias. Em julho havia uma grande festa especial em homenagem ao deus Sol.

OBELISCO TELLO

Pertence aos períodos mais antigos de Chavin, 1000 a.C., e representa uma divindade complexa, conectada com a terra, a água e todos os elementos vivos da natureza. Em seu corpo existem homens, aves, serpentes, felinos etc; e o monstro divino deles se alimenta.

Esse obelisco tem semelhanças com os desenhos encontrados nos vasos chineses.

DANÇAS PERUANAS

Conhecemos no Hotel Bolívar, em Lima, um empresário de um grupo folclórico de danças do Peru. Segundo ele, existem 3000 danças folclóricas diferentes no Peru. As roupas lembram o Nepal e se assemelham às danças dos cossacos russos.

8 de dezembro de 2015